

AS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES NA UFPB

Neide Miele

Resumo: Este é um relato histórico do surgimento dos cursos de Ciências das Religiões, graduação e pós-graduação, *stricto e lato sensu*, na Universidade Federal da Paraíba.

Abstract: This is an historical description about the coming out of Religions' Science graduation and post-graduation courses, *strict and lato sensu*, at Universidade Federal da Paraíba.

INTRODUÇÃO

Em 1994 foi oferecida uma disciplina optativa no curso de Mestrado em Sociologia chamada *Religião e Sociedade*, reapresentada algumas vezes nos anos seguintes. O êxito da disciplina evoluiu para a criação do Grupo de Pesquisa RELIGARE, cadastrado no CNPq desde 1996. O núcleo original do Religare foi formado pelas professoras Maristela Oliveira de Andrade, Simone Carneiro Maldonado e por mim, todas do Departamento de Ciências Sociais, além da professora Glória Maria Vanderlei, do Departamento de Psicologia.

Neste mesmo ano oferecemos um curso de Extensão sobre o tema “O fenômeno religioso sob a ótica interdisciplinar”, com 180 horas/aula, que contou com um número significativo de participantes. Para ampliar a discussão do fenômeno religioso para um público mais abrangente, criamos uma programação regular semanal de filmes e documentários, sempre acompanhados de um debate no final de cada apresentação.

Em novembro de 1999 realizamos o I ENCONTRO DO RELIGARE, que resultou em uma publicação homônima intitulado **O Velho e o Novo em Mil Anos** (ISSN 85-87939-01-7) dedicado à reflexão sobre o fenômeno do retorno da religiosidade e do sagrado no mundo contemporâneo e sua vinculação com a atual crise de paradigmas. Estas iniciativas foram sendo realizadas em resposta aos anseios vindos do próprio meio acadêmico.

Entre 1996-1999 foram defendidas sete dissertações no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e seis monografias nos cursos de graduação em Psicologia e Ciências Sociais, todas sob orientação de docentes do Grupo Religare, indicando a ebulição do tema no meio acadêmico.

Em 2001 realizamos o II ENCONTRO DO RELIGARE: **Saberes Emergentes**, que resultou em um livro com o mesmo nome (ISSN 1518-2789).

Em 2004 a disciplina *Religião e Sociedade* foi oferecida novamente e, para grande surpresa, além dos alunos regularmente matriculados no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, se inscreveram mais de 40 alunos especiais, nos obrigando a fazer uma seleção de forma a reduzir o número de alunos para que a turma completa não excedesse 20 pessoas. A prova escrita constou de uma única questão: Qual o seu interesse em cursar a disciplina Religião e Sociedade? Das respostas uma se sobressaiu. A candidata Olga Brasil, professora e membro da Comissão de Ensino Religioso da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, explicitou que seu interesse era se aproximar da UFPB para que esta criasse um curso de graduação visando a formação específica ao professor de Ensino Religioso. Posteriormente, mais duas professoras entraram em contato conosco: Maria Azimar da Silva, Coordenadora da Comissão de

Ensino Religioso do Estado e Maria José Holmes, Coordenadora da Comissão de Ensino Religioso do Município de João Pessoa, reforçando a solicitação de criação do Curso de Graduação.

Fizemos os primeiros contatos com as instâncias superiores da UFPB e nos deparamos com inúmeras dificuldades para o atendimento do pleito. Isso nos levou a propor o Curso de Especialização em Ciências das Religiões, como alternativa possível para a formação dos professores de Ensino Religioso que estavam em sala de aula.

O grande número de interessados nos obrigou a realizar um processo seletivo que constou de prova escrita e entrevista. Selecionados 45 alunos, o CECR teve início em abril de 2005. Este desafio foi enorme. A composição dos alunos era efetivamente plural. Além dos professores de Ensino Religioso, turma era composta por profissionais das mais diferentes áreas. Havia, por exemplo, a diretora da Penitenciária máxima de João Pessoa, uma integrante do Tribunal de Contas do Estado e outra do Tribunal de Justiça, além de inúmeros profissionais liberais. Para além da diversidade profissional, o leque religioso estava fartamente colocado: pastores, católicos, carismáticos, espíritas, afro-brasileiras, budistas...

A grade curricular do CECR era bastante abrangente, privilegiando desde a mitologia egípcia e hindu até as novas expressões da religiosidade. A turma reagia às aulas com intervenções apaixonadas, sobretudo os pastores que, com a bíblia na mão, buscavam polemizar. Acalmá-los não era tarefa fácil. Aproximá-los de religiosidades tão diferentes como a egípcia, persa ou hindu sem provocar tensões, era tarefa quase impossível. Se dentro da sala de aula as discussões eram acaloradas, fora dela, na hora do intervalo, os sub-grupos se comportavam como água e óleo, não se misturavam.

Uma das práticas adotadas no curso foi de convidar palestrantes que vivenciassem a crença que seria apresentada. Assim, para ministrar a disciplina sobre Hinduísmo, convidamos Dhanvantari Swami, Monge Vaishnava da Ordem Sanyasa, mais conhecida como Ordem Hare Krishna. Ele e demais monges do Templo Vrajadama, de Caruaru, fizeram uma apresentação com cantos e danças da tradição Vaishnava, tocando cítaras, mirdangas e flautas, que encantaram os alunos.

Após a apresentação foi servido um lanche lacto-vegetariano como manda a tradição hunduísta. A reação dos alunos foi um misto de surpresa agradável e medo de estar gostando *até demais* de outra tradição religiosa que não a sua. A maioria apreciou as iguarias, porém muitos preferiram não tocar nos alimentos.

Em muitas ocasiões tivemos que apelar o sentimento de culpa dos mais angustiados, que se sentiam “traidores” de sua própria fé, mostrando que a missão da universidade laica é estudar as mais diversas manifestações religiosas e que o fato de conhecer cada uma delas não implica em “falta”, “pecado” ou “culpa” para com sua própria crença.

A disciplina sobre hinduísmo transcorreu em meio a inúmeros confrontos em sala de aula, proporcionando o afloramento do mais puro preconceito, fato negado por todos, pois cada aluno se dizia “aberto” ao estudo de todas as crenças. Mas como certas coisas não são possíveis de serem dissimuladas, a experiência prática revelou a verdade: O preconceito é muito grande!

Para ministrar o conteúdo sobre Islamismo convidamos o Sheikh Mohammad Ragip, da Ordem Sufista Halveti Jerrahi, que possui sede em Istanbul na Turquia e ramos nos Estados Unidos, Bósnia, Alemanha, Grécia, Itália, França, Inglaterra, Áustria, Espanha, Austrália, Canadá, México, Chile, Argentina e Brasil.

Brasileiro e residente em São Paulo, o Sheikh foi conquistando a turma devagar. O problema foi quando ele resolveu convidar os alunos para fazer uma *meditação Zikr*, como é praticada na tradição muçulmana desde os tempos do Profeta. Estar presente nas aulas, estudar partes do Al Corão, foi um ato de bravura, porém participar de uma meditação conduzida pelo Sheikh, foi demais para alguns.

Apenas para citar um exemplo, uma aluna, evangélica, saiu da sala mas ficou no estacionamento, do lado de fora do carro, sem saber se resistia à tentação de participar da atividade ou se aproveitava aquele momento único. Um colega seu, católico, percebeu o drama interior e foi em seu socorro. Sugeriu para que ela ficasse apenas para conhecer. Ela ficou e, em relato posterior, afirmou que tinha sido uma experiência muito significativa em sua vida, pois tinha vencido um enorme preconceito. Estes encontros com o Sheikh foram muito importantes para esclarecer dúvidas e confusões entre Islã, Talibã, Jihad, burka ...

Quando foi a vez de Monja Coen ministrar suas palestras sobre Budismo Zen os alunos já estavam mais “calejados” e o susto foi menor. Os posicionamentos da Monja sobre reencarnação, suicídio, posição da mulher nas ordens budistas e tantos outros provocaram olhos atentos e atenção concentrada, nenhuma vez foi preciso pedir silêncio para a turma, e quando ela propôs fazer uma meditação zen, os alunos aceitaram prontamente.

Outras disciplinas foram menos traumáticas. Danças Sagradas, por exemplo, proporcionou momentos de pura descontração entre todos. Música, dança, canto, proximidades e contatos ajudavam a quebrar couraças de preconceitos.

Japão, Israel, Turquia, África, Afeganistão, Índia, cada lugar distante tinha uma dança sagrada que faz parte da tradição, cultura e folclore do país ou continente.

Ao dançarem e cantarem as músicas sagradas das mais diversas tradições religiosas, os alunos não se sentiam agredidos em sua fé. Assim, Mãe Kuan Yin e a Deusa-Mãe ancestral foram cantadas e reverenciadas em clima de profundo respeito e muita descontração. Mas, nem sempre foi assim.

Tomar contato com uma religião tão discriminada e vítima de preconceito como são as tradições afro-brasileiras, ir a um Terreiro, mesmo que fosse apenas para observar, provocou uma reação enorme nos alunos e muitos não conseguiram.

Isso demonstra o despreparo dos alunos para tratar com o fenômeno religioso, embora quotidianamente lhes fosse lembrado que eles estavam ali na condição de estudantes e que, como pesquisadores em um laboratório, eles portavam o “avental branco do cientista”, proteção contra toda “contaminação”. Mas o preconceito está profundamente arraigado na mente das pessoas e se libertar dele não é tarefa pequena.

Durante as aulas de metodologia da pesquisa se insistiu muito sobre a necessidade de observar os ritos religiosos como fenômeno antropológico, sem fazer nenhum juízo de valor, apenas tomar contato com o objeto a fim de conhecê-lo e estudá-lo. Insistiu-se muito sobre a necessidade de ter informação – papel primordial da universidade – condição fundamental para expressar a própria opinião. Como dar opinião sobre algo que não se conhece? E, pior, como emitir juízo de valor sem jamais ter estudado nada sobre o objeto em questão? Apesar do esforço dos professores, o preconceito sempre estava de volta.

Com muita paciência o curso foi prosseguindo de conteúdo em conteúdo até que chegou a vez de “Judaísmo e Cristianismo Primitivo”, ministrado pelo Prof^o Severino Celestino da Silva. Ele é docente do Departamento de Odontologia Social há mais de 30 anos, além de docente do Programa de Pós-Graduação em Odontologia da UFPB com algumas dissertações orientadas. Além da larga experiência docente, Celestino domina a língua hebraica, que fala, lê, escreve e traduz. Ele é também escritor e palestrante

espírita, com três livros publicados na área, sendo que um deles *Analisando as traduções bíblicas*1 teve mais de 25.000 exemplares vendidos. Com seu conhecimento bíblico Celestino conquistou a turma, especialmente os pastores. Embora Celestino dissesse que professava a Doutrina Espírita, era como se os alunos não acreditassem. Não poderia ser verdade que aquele professor tão versado nos textos sagrados, Torá e Bíblia, com uma memória prodigiosa para identificar capítulos e versículos de profetas e evangelistas bíblicos fosse também um expoente pregador do Espiritismo.

Finalmente, quando chegou o momento de ministrar o conteúdo sobre a Doutrina Espírita, o Prof^o Celestino retornou, para alegria da turma. Como havia sido construída anteriormente uma relação de empatia entre professor e alunos, a reação da turma, sobretudo dos pastores, ao novo conteúdo dado foi muito significativa. Eles ficaram surpresos com a própria ignorância e preconceitos acumulados sobre o assunto.

A cada aula sobre a Doutrina Espírita novos conceitos eram discutidos e a reação era sempre a mesma: Eu não sabia que era assim!

O fato de já existir uma forte empatia e grande respeito pelo conhecimento bíblico do professor Celestino fez com que os alunos participassem de suas aulas com espírito desarmado. No dizer de muitos foram as melhores discussões travadas em sala de aula. A ânsia por informações ficava cada vez mais aguçada.

A reação dos pastores foi solicitar à Coordenação do CECR um curso extra, somente sobre a Doutrina Espírita. A Vice-Presidente da Federação Espírita Paraibana, também aluna da Especialização, comentou que a Entidade matinha cursos regulares sobre a Doutrina em sua sede e que eles estavam convidados a participar. A reação dos pastores foi imediata.

- Como poderemos entrar em sair da Federação Espírita sem comprometer nossa imagem perante nossa Igreja? Na universidade temos um campo propício para o estudo, quer seja a Doutrina Espírita ou outra religião qualquer, mas frequentar um espaço religioso diferente do nosso irá nos comprometer diante dos nossos fiéis.

Os pastores tinham razão e o resultado foi a criação de um Projeto de Extensão intitulado **O que é?** Este projeto tem como objetivo disponibilizar informações mínimas, num curso de apenas 30 horas-aula, sobre os mais diversos temas ligados às religiões: O que é Doutrina Espírita? O que é Candomblé? O que é Hinduísmo? O que é Islamismo? O que é Cabala? O que é...

De desafio em desafio, a cada disciplina a turma se integrava um pouco mais. Depois de alguns meses, na hora do intervalo, os grupos já não ficavam separados para o lanche, ao contrário, era comum se sentarem em uma única mesa, como se fosse uma festa. Eles diziam brincando: “Na casa de meu Pai existem muitas moradas, mas uma só mesa!”

Na medida em que o curso ia avançando as barreiras iam sendo quebradas na mesma proporção. A conversa rolava solta e novas amizades iam sendo construídas, mesmo entre os fundamentalistas. Mas eles queriam mais. No transcorrer do Curso de Especialização os alunos começaram a pressionar os professores para a criação de um Mestrado. Todos queriam uma pós-graduação *stricto sensu*.

A coordenação se reuniu com os professores e juntos redigiram o projeto. Depois de passar pelas instâncias acadêmicas e pelos conselhos superiores da UFPB, o projeto de criação do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões - PPGCR – foi aprovado pelo Conselho Técnico Científico da CAPES no dia 12 de julho de 2006. Aos olhos desavisados parece ter sido um processo rápido, fácil, sem percalços, lutas homéricas ou grandes enfrentamentos. Nada mais falso do que isso!

A maioria dos professores do CECR era proveniente do Departamento de Ciências Sociais. A presença deste grupo de pesquisadores era tolerada dentro do

Departamento ou da Pós-Graduação, pois o grupo não ameaçava a hegemonia exercida pelos marxistas juramentados. Entretanto, quando começou a movimentação de alunos do Curso de Especialização e, mais grave, a tramitação de um Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, a maioria do Departamento de Ciências Sociais se sentiu ameaçada e a reação veio com a força de uma avalanche.

Tramitar o processo de criação do PPGCR não foi fácil. Todos os empecilhos foram criados para estancar aquilo que eles consideravam uma ameaça. A oposição não se deu apenas no âmbito do Departamento de Ciências Sociais. Outro Departamento tomou para si a tarefa de combater a ameaça à “laicidade da universidade pública”. Em campanha para mudança de uma chefia departamental um slogan foi criado para a carta-programa: “Em defesa da universidade laica!” Este slogan dizia claramente que o Curso de Ciências das Religiões estava ameaçando a laicidade da universidade.

Na verdade o que houve foi preconceito e muita desinformação. Diz o Aurélio: *Preconceito é o conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia preconcebida.* O preconceituoso existe mesmo sem se inteirar do conteúdo que rejeita e as informações não chegam aos seus ouvidos pelo simples fato deles estarem fechados para elas. Embora nossa concepção pluralista e laica sobre o estudo das religiões estivesse devidamente apresentada no projeto de criação do curso de Ciências das Religiões, ao tramitar no pelos diversos departamentos da universidade a reação era sempre a mesma: É um absurdo ter curso de religião na universidade pública! É um curso de teologia, disfarçado! P

Para a esquerda isso era uma afronta. O “ópio do povo” estava entrando pela porta da frente da universidade e, evidentemente, esse curso não podia ser aprovado. Mas foi. Não somente pelos órgãos superiores da UFPB, como pelo Conselho Técnico Científico da Capes, para desespero da oposição.

Em janeiro de 2007 teve início o primeiro processo seletivo para o Mestrado que contou com 85 candidatos inscritos para o preenchimento de 20 vagas. Em 2008 o número de inscritos saltou para 184 candidatos e a partir daí sempre esteve na casa da centena.

Ainda em 2007, realizamos o I Simpósio Internacional em Ciências das Religiões, concebido com a finalidade de apresentar o Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões da UFPB à comunidade científica, no contexto nacional e internacional, ocasião em que foi conferido o título *Doutor Honoris causa* ao professor François Laplantine.

Este evento contou com a presença de François Laplantine da Université Lumière Lyon2, França. Martin Soares, do Centre de Recherches et d'Études Anthropologiques, também da Lyon2. Élio Masferrer Kan, da Escola Nacional de Antropologia e História, do México, e Presidente da Asociación Latinoamericana para el Estudio de las Religiones. Fernando Giobellina Brumana, da Universidade de Cádiz, Espanha. Paulo Mendes Pinto, Diretor da Revista Lusofona de Ciências das Religiões, Fernando Campos e José Carlos Calazans, docentes do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Lusófona, de Portugal. Além da participação internacional de professores este simpósio contou com 17 Grupos de Trabalho e mais de 400 participantes inscritos. Foi produzido um CD com todos os trabalhos apresentados neste evento.

Hoje o PPGCR é um programa consolidado, com mais de 60 dissertações defendidas, resultado do trabalho dos diferentes Grupos, estruturados em quatro Linhas de Pesquisa:

LP1 – Religiões, Cultura e Produções Simbólicas

LP2 – Espiritualidade e Saúde

LP3 – Religiosidade Popular
LP4 – Educação e Estudo das Religiões

Com o lançamento do Projeto REUNI pelo governo federal, através do Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, para a reestruturação e expansão das universidades federais, pode ser criado o Curso de Graduação em Ciências das Religiões na UFPB, juntamente com outros 30 novos cursos.

O Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Ciências das Religiões, aprovado pelo CONSEPE através da Resolução nº 38/2008, está organizado em três eixos:

- Eixo teórico-metodológico,
- Eixo das mitologias, religiões e religiosidades
- Eixo específico da Licenciatura e do Bacharelado

No eixo teórico-metodológico o fenômeno religioso é estudado sob a ótica da antropologia, ciências das religiões, psicologia, filosofia e história, reforçando a perspectiva da pluralidade das concepções teóricas e diferentes áreas do conhecimento. Para o estudo do fenômeno religioso, profundamente plural em suas manifestações, nada mais adequado do que o uso da Teoria do Imaginário, em suas diversas correntes. O instrumental analítico proporcionado pela Teoria do Imaginário é bastante adequado para a compreensão do mundo mítico-religioso. Fruto do Círculo de Eranos, esta teoria foi sendo construída pelos autores mais expressivos para o estudo das religiões: Gilbert Durand, Mircea Eliade, Joseph Campbell, Heinrich Zimmer, Martin Buber, Gilles Quispel, Herbert Read, Karl Kérenyi, Henri Corbin, Paul Tillich, John Layard, Paul Radin, Gershom Scholem. Além desses, não poderíamos deixar de incluir o grande mestre Gaston Bachelard, ou autores como Cornelius Castoriades, Gilles Deleuze, Jacques Le Goff entre outros.

No eixo das mitologias, religiões e religiosidades são estudadas as religiões do Oriente médio, as mitologias grega, romana, nórdica, africana, indígena e oriental. Com o surgimento do monoteísmo em seu formato atual são estudados o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, bem como a Reforma e todas as suas derivações. Na sequência, há que se estudar as novas expressões da religiosidade como Doutrina Espírita, Santo Daime, União do Vegetal, Seicho No Iê, entre outras. Cada período letivo está dedicado ao estudo de mitologias ou religiões específicas, bem como das manifestações artísticas de cada uma delas em suas especificidades: Arquitetura, pintura, escultura, música, dança...

No eixo específico do bacharelado estão previstos os conteúdos necessários para a formação do pesquisador na área das seitas, crenças, religiões e religiosidades. Atualmente os órgãos de pesquisa, como IBGE e similares, têm dificuldade em abordar esta temática por falta de analistas isentos de qualquer vínculo religioso-institucional. Entendemos que a formação deste tipo de profissional por uma universidade pública vem para suprir esta falta.

No eixo específico da licenciatura estão previstas todas as disciplinas para a formação do professor de Ensino Religioso, bem como os estágios supervisionados obrigatórios, a fim de prepara-lo para o exercício do magistério, dentro da concepção não proselitista firmada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O componente curricular Ensino Religioso é o único que está regulamentado pela Constituição Federal.

Neste momento está tramitando no Senado Federal, mais especificamente na Comissão de Constituição e Justiça, um projeto de lei do Senador Cristovam Buarque em que propõe a mudança de denominação da disciplina *Ensino Religioso* para

Diversidade Cultural Religiosa, tornando-a um componente curricular obrigatório, livre de qualquer ingerência dos dirigentes religiosos, com professores formados especificamente para ministrar seu conteúdo, sem proselitismo, como manda a Lei.

Se no currículo escolar não existe Ensino Matemático, Ensino Histórico, Ensino Biológico, por que há de ter Ensino Religioso?

Entendemos que a ação de *ensinar religião* deve ser exclusiva de cada denominação religiosa. Esta tarefa não cabe à escola pública, devendo ser exclusiva das Igrejas. Entretanto, como o fenômeno religioso é inerente ao ser humano, um dos pilares da cultura e motivo de enfrentamentos bélicos, fundamental se torna a sua compreensão. A escola pública deve estimular os alunos para o **Estudo das Religiões, todas**. Compreender o fenômeno religioso é tarefa das universidades e da escola.

Responsável por tratar o fenômeno religioso tal qual surgiu em todos os tempos e entre todos os povos, analisado sob a ótica das ciências sociais e humanas, o objetivo dos cursos de graduação e pós-graduação é oferecer informações ao aluno sobre o nascimento, ascensão e declínio das religiões em cada período histórico e nos diferentes contextos geográficos, além de suas relações com o poder, a economia, a política e as guerras.

Um estudo como este pouca ou nenhuma relação teria com a questão da fé que, esta sim, ficaria no domínio que lhe compete: o foro íntimo, a fé escolhida para ser praticada, ou a prática de crença nenhuma. Assim, os cursos de Ciências das Religiões não se confundem com os de Teologia.

O fenômeno religioso, e sua derivação na multiplicidade de religiões ao longo da história, não é uma simples questão de fé, mas, de uso e abuso do poder. Mas, reduzir o fenômeno religioso ao uso e abuso do poder é uma falsa questão, pois a crença é inerente ao ser humano.

A UFPB está sendo pioneira na criação de cursos de Ciências das Religiões, de graduação ou de pós-graduação, que poderão contribuir para definir novos parâmetros e diretrizes curriculares pelo Conselho Nacional de Educação, a fim de transformar a disciplina *Ensino Religioso* em **Diversidade Cultural Religiosa**, de conteúdo obrigatório e matéria integrante do currículo escolar.

A primeira turma do Curso de Licenciatura em Ciências das Religiões iniciou suas atividades acadêmicas com uma Aula Magna proferida pelo Senador Cristovam Buarque.

Atualmente o Curso de Licenciatura encontra-se no sexto período letivo, com 295 alunos ativos (deveria haver 300 se considerado o início em março/2009), registrando a evasão irrisória de um aluno por semestre, certamente uma das mais baixas da UFPB.

Neste momento a Coordenação do Curso de Graduação está aguardando a vinda do MEC para proceder a avaliação e reconhecimento. Além dos encaminhamentos burocráticos estão sendo tomadas todas as providências para que o curso tenha qualidade excelente, tornando-se um exemplo para os demais.

A bibliografia básica está sendo produzida pelo próprio corpo docente através da **Coleção Ciências das Religiões**, onde, cada componente curricular estudado tem um livro específico.

Além da coleção, a **Revista Diversidade Religiosa** tem início nesta data e se destina à produção docente e discente em Ciências das Religiões.

Sem dúvida nenhuma, estamos fazendo história.

O fenômeno religioso e a multiplicidade de religiões ao longo da história da humanidade não é uma simples questão de fé. É, sobretudo, uma questão de uso e abuso do poder em determinado contexto sócio econômico. Compreender estas duas

implicações, seja pelo lado espiritual ou pelo lado mundano, é tarefa fundamental para viver no mundo contemporâneo. Contudo, a redução do fenômeno religioso apenas à questão de uso e abuso do poder é falaciosa, pois a crença é inerente ao ser humano, mesmo que seja a crença na inexistência de um ser superior para reger os destinos individuais e coletivos. Decifrar o ponto médio entre o espiritual e o mundano é o nosso desafio.

Referências

SILVA, Severino Celestino. **Analisando as traduções bíblicas**. João Pessoa: Idéia, 2008.